

 JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

**AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS POÉTICO-FILOSÓFICAS BRASILEIRAS: UM
ESTILO *SUI GENERIS* NASCIDO NOS FANZINES**

Gazy Andraus

Professor Designado do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais
(UEMG)

RESUMO

Os fanzines de quadrinhos brasileiros tiveram importância primordial, principalmente entre as décadas de 1980 e 1990, pois além de servirem aos autores amadores e/ou profissionais como quase única possibilidade de publicação devido à escassez de editoração nacional, fizeram eclodir um estilo poético quadrinhístico *sui generis*. Em tais zines paratópicos, surgiram várias HQs curtas desenvolvidas em um estilo “poético” (também rebatizado de fantástico-filosófico) em meio aos tradicionais temas de ação, terror, cotidiano etc. Este gênero poético teve certa influência do quadrinho europeu (de Caza, Druillet e Moebius como exemplos), contendo essencialmente narrativas curtas e elípticas, bem como inovações na linguagem, pois se equivalia ao *hai-kai* na poesia, e era distinto dos quadrinhos tradicionais, contendo muitas vezes mensagens de reflexão existencialista e/ou filosófica, através de seus autores seminais como F. Calazans, H. Jaepelt, E. Franco, G. Andraus, A. Amaral dentre outros. Este artigo quer demonstrar tal estilo único e nativo do Brasil, e que até teve um fanzine específico para seu gênero (o fanzine “Mandala”), sendo tais quadrinhos representativos, objetos de estudos desde a graduação até o pós-doutorado, por pesquisadores como Elydio dos Santos Neto, Matheus Moura, Edgar Franco, Henrique Magalhães, Gazy Andraus dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Histórias em Quadrinhos Poéticas; HQs, Fanzines, Brasil

INTRODUÇÃO POÉTICO-JUSTIFICÁVEL

As histórias em quadrinhos (HQs) no Brasil são conhecidas noutros países com designações variadas, como *Comics* nos EUA, *Bande Dessinées* e *Bandas Desenhadas* (BDs) na França e Portugal respectivamente, e em cada um destes países tomaram rumos distintos. Se graças à distribuição de jornais, e depois revistas pelo mercado norte-americano, tomaram a forma de uma indústria poderosa, na Europa, especialmente na França, Espanha, Itália e Portugal, as HQs singraram como um valor mais duradouro cultural (na forma de álbuns em capas cartonadas ou duras). Já no Brasil, os rumos delas se ativeram durante décadas, às tiras

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

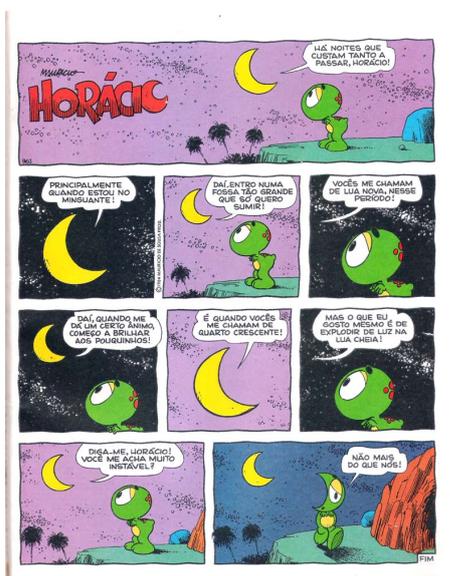


Fig. 1: Horácio. Fonte: SOUSA, Maurício de. **Horácio e seus amigos dinossauros**. Rio de Janeiro: Globo, 1993.

de jornais e nos gibis à tradução de quadrinhos estrangeiros, como os de Walt Disney (com uma parte sendo feita no Brasil), Super-Heróis e o mais aclamado autor nacional com amplo alcance, Maurício de Sousa e sua Turma da Mônica, em que há o dinossauro Horácio – filosófico e alter-ego do autor (fig. 1), além de parques materiais brasileiros em bancas.

Sabe-se que, graças às perseguições aos quadrinhos, deflagradas desde os EUA a partir da década de 1950 (e que se espalhou ao mundo), por causa das teorias de Fredric Wertham, as HQs, ao menos no Brasil, foram menosprezadas até o final da década de 1990, quando de lá para cá houve uma inversão, em que agora até a educação – desde a infantil à universitária

– valoriza-as. Além disso, o quadro atual de autoria nacional, desde o início deste século XXI, foi sendo alterado paulatinamente, em que na atualidade são inumeráveis as publicações de quadrinhos com autores brasileiros sendo publicados, inclusive, como álbuns para revenda e distribuição em livrarias, num montante de títulos jamais imaginado antes.

Ainda assim, o período da década de 1980 e mais ainda, de 1990, foi um tanto quanto obscuro para a editoração oficial de quadrinhos autorais brasileiros. Por isto, neste artigo, os quadrinhos, também conhecidos como um hipergênero, segundo Ramos (2010), se apresentam também com temáticas distintas, tendo se desenvolvido neste país um estilo único (o poético), conforme se verá.

BREVE HISTÓRICO DE HQS E FANZINES NO BRASIL

Com relação aos quadrinhos, para o entendimento mais profícuo do estilo “poético”, recorre-se aqui a um breve panorama histórico (apesar de desnecessário na atualidade) do desenvolvimento quadrinhístico do Brasil, já que as histórias em quadrinhos já se configuram



JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018

Escola de Comunicações e Artes da USP

como expoentes expressivos valorizados. No entanto, para se entender como se chegou às HQs de estrutura poéticas, é interessante recorrer-se a este breve histórico (incluindo o dos fanzines, onde se desenvolveram tais histórias em quadrinhos).

Começam oficialmente as HQs no Brasil “As aventuras de Nhô Quim ou As impressões de uma viagem à Corte.” do autor italiano radicado brasileiro, Ângelo Agostini, que lançou as histórias seriadas daquele personagem na revista Vida Fluminense, em 30 de janeiro de 1869. Assim, apesar de tal pioneirismo, a produção nacional foi se desequilibrando – talvez devido à perseguição aos quadrinhos via Wertham (conforme mencionado) incluindo, possivelmente também os altos e baixos da economia brasileira (refletida da mundial), que atrapalhava, e muito, a produção editorial de quadrinhos nacionais – tanto que a maior parte dos autores que hoje são profissionais reconhecidos atuaram quase que exclusivamente nos fanzines das décadas de 1980 e 1990. A maioria das edições de HQs no Brasil publicadas em revistas eram de origem estrangeira (traduzidas ao português), à exceção das tiras (*comic strips*) que tinham equilíbrio com publicações de autoria nacional nos jornais.

Já os fanzines (ou zines) se desenvolveram a partir de boletins de ficção científica (FC) desde a década de 1930 nos EUA (sendo batizadas como fanzines a partir de 1940), se espalhando pelo mundo principalmente graças à contracultura, ao rock e ao punk. No Brasil, aportou em 12/10/1965, pelo fanzine mimeografado “Ficção” de Edson Rontani, que trazia textos e imagens sobre HQs de ficção científica, como Flash Gordon e seu autor.

Nas décadas de 1980 e 1990, com a expansão e barateamento das máquinas reprográficas (“xerox”) que substituíram as de mimeógrafo, o número de fanzines se alastrou pelo mundo, e no Brasil se tornou o carro-chefe das publicações de quadrinhos independentes, já que a editoria oficial não cedia espaço aos quadrinhistas tupiniquins.

Foi nesse período que uma pequena parcela de autores nacionais (amadores à época, muitos deles), influenciada pelos quadrinhos adultos fantasiosos e filosóficos europeus, como os de Caza, Moebius, Druillet entre outros, foi desenvolvendo inadvertidamente um gênero de quadrinhos diferente, com mensagens reflexivas e poéticas, de número de páginas reduzidas,



JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018

Escola de Comunicações e Artes da USP

que eram publicadas nos paratópicos¹ zines. O primeiro fanzine de que se tem notícia se chamava "The comet", que era voltado para a ficção científica, tida na época como subliteratura. Como dito, a partir de então espalhou-se pelo mundo, graças principalmente ao punk e rock da Inglaterra e EUA, ampliando seu alcance a partir dos anos de 1960 e 70 em diante, expressando idéias e informações adjuntas de variados temas e assuntos, de forma livre e independente, graças ao seu baixo custo, por ser geralmente rodado inicialmente em mimeógrafos e depois em fotocopiadoras, sendo divulgado através dos correios, ou, atualmente, também na *web (internet)*. Um fanzine (neologismo que traz a junção das palavras inglesas *fanatic* mais *magazine*, significando literalmente revista do fã), como dá a entender o próprio nome, é uma revista gerada pelo fã de determinado assunto, quer seja de cinema, de música, de poesia ou história em quadrinhos, que disserta acerca de seu objeto de paixão, ou ainda, atualmente, um veículo de expressão e vazão do autor apaixonado por determinado assunto, que não tem outro modo de divulgar suas idéias. No Brasil, após o pontapé inicial de Rontani com seu "Ficção", centenas de títulos fanzineiros têm inundado o circuito nacional, tanto fotocopiados, como impressos em gráficas e ainda pela Internet. Mas foi nas décadas de 1980, e principalmente 1990, que os fanzines impulsionaram para valer a área ainda insípida e carente de quadrinhos nacionais, pois ajudaram a publicá-los, tanto autores iniciantes e amadores à época (como Laudo, Edgar Franco, Mutarelli) como outros que já eram profissionais (como Shimamoto, Mozart Couto, Flávio Colin etc). Isto ocorria porque a participação de fanzines era gratuita e na base da camaradagem, tendo uma média de meia dúzia de autores sendo publicados por fanzine, que geralmente abarcava uma média de 20 páginas, para as quais seus autores precisavam desenvolver HQs curtas, o que auxiliou ainda mais na condução elíptica dos roteiros, sintetizando-os e os aproximando, muitas vezes das poesias orientais como os *hai-kais*, que seriam uma literatura num estilo distinto do da prosa, assim como os quadrinhos ditos poéticos seriam os seus equivalentes em relação às narrativas regulares das histórias em quadrinhos não poéticas, como se verá.

¹ Paratopia é um conceito de algo que está em um lugar paralelo, mas não oficial (como o fanzine) a outro que existe oficialmente (como as revistas e livros vendidos).

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

22 a 24 de agosto de 2018

Escola de Comunicações e Artes da USP

AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS POÉTICAS: GÊNEROS LITERÁRIO-TEXTUAIS?

Nesse caso, pode-se atribuir uma categoria narrativo-literária às HQs, dentro do gênero literário, apesar de que as histórias em quadrinhos *per si* não são literatura (e vice-versa), já que ambas as expressões possuem estruturas próprias em suas linguagens díspares (uma usa principalmente imagens desenhadas, enquanto que a outra utiliza fonemas narrativos).



Figs. 2, 3 e 4: Capa e páginas internas do zine “Irmãos Siameses e páginas de E. Franco (fig. 3) e G. Andraus (fig. 4). Fonte do autor.

Todavia, assim como o cinema (outra expressão singular que guarda sua própria linguagem estruturada) empresta aos quadrinhos termos como “câmera-alta”, “baixa”, “plano-americano”, “médio” etc, pode-se atribuir denominações narrativas aos quadrinhos, tais quais na literatura (e cinema), sem que nem eles ou quaisquer dessas expressões percam suas qualidades intrínsecas de suas próprias linguagens.

Com isto, é *mister* lembrar que as histórias em quadrinhos também podem ser classificadas como um gênero textual (GAZETTA; SOBRINHO, 2013), e a elas poder-se-ia fazer uma distinção também como pertencente ao gênero literário (CASTRO, s/d.), classificando-as então, talvez como um gênero narrativo-visual. Neste ponto, poder-se-ia diferenciar-se as histórias em quadrinhos dentro do gênero literário, como em prosa ou em versos, equivalendo a classificá-las como narrativas (HQs padronizadas) ou poéticas (HQs poéticas), assim como – já mencionado – estas últimas equivaleriam nos quadrinhos aos *hai-kais* para a literatura.



JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018

Escola de Comunicações e Artes da USP

Em realidade, a primeira classificação oficial dos quadrinhos poéticos adveio do artigo de Franco (1997) “Panorama dos Quadrinhos subterrâneos do Brasil”, dentro do qual ele classificou várias linhas temáticas de quadrinhos nacionais, trazendo originalmente a “Linha poético-filosófica”. Dessa forma, as histórias em quadrinhos no Brasil que começaram a demonstrar esta “roupagem” acabaram sendo chamadas de poéticas.

Mas também há outro conceito anterior, dentro da linha poética que deve ser mencionado: o de “Fantasia-filosófica”. Tal termo advém do catálogo da exposição anual de fanzines e prozines de Ourense/Espanha, realizada em 1994, que cita uma das produções independentes o fanzine “Irmãos Siameses” (**figs. 2, 3 e 4**), em que o organizador da exposição, Henrique Torreiro, nomeou o conteúdo de tal trabalho como “Fantasia-Filosófica autêntica” (Torreiro, 1997), como forma de classificar um estilo de HQ brasileiras que trazem roteiros condensados em poucas páginas, geralmente de conteúdos fortemente calcados em elucubrações filosóficas, metaforizadas em mundos e universos fantasiosos.

Santos Neto (jan/jun. de 2009, p. 71), confirma este estilo ao explicitar seus autores iniciais:

Desde o final da década de 1980 um grupo de artistas no Brasil vem elaborando uma produção no campo dos quadrinhos chamada por alguns de “quadrinhos poéticos”, por outros de “quadrinhos poético-filosóficos” e, por outros ainda de “fantasia filosófica” ou “quadrinhos fantástico-filosóficos”. São representantes conhecidos e significativos deste grupo de artistas: Flávio Calazans, Edgar Franco, Gazy Andraus, Henry e Maria Jaepelt, Wally Viana, Joacy Jamys, Luciano Irrthum, Eduardo Manzano e Antonio Amaral.

A se lembrar que nas décadas de 1980 e 1990, além da dificuldade em se publicar nacionalmente (de maneira oficial), havia no país uma inflação exponencial que solapava quaisquer tentativas de estabilização econômica, o que também agravava o quadro geral, incluindo o de subsistência no Brasil. Com isso, semanalmente havia aumento de preços em todos os produtos, e as revistas em quadrinhos e álbuns também sentiam tal reflexo. A mesma situação para o material em geral, como papéis, fotocópias etc. Portanto, até mesmo a elaboração de fanzines se restringia a poucas páginas no tamanho A-5 (uma folha de sulfite dobrada ao meio), em que os faneditores faziam zines com média de 20 a 24 páginas, convidando autores brasileiros (amadores e/ou profissionais), a enviarem pelos correios



Figs. 5, 6 e 7: Trechos da HQ “O Voo da água”. Fonte: Gibiozine, n. 14, UFSCAR, 2015.

histórias em quadrinhos curtas (com média de 3 a 6 páginas por autor), o que também – e muito provavelmente – auxiliou no desenvolvimento de algumas histórias em quadrinhos curtas, elípticas, em que o embrião das HQs poéticas foi se alojando e crescendo, até resultar em um dos gêneros nacionais poéticos de quadrinhos.

Nesse caso em específico, no Brasil, a crise sócio-econômica, refletida na cultura nacional que dificilmente permitia publicações de autores brasileiros da Nona Arte, gerou um estilo (uma “escola”) cuja estética é diferenciada de todas as outras HQ no mundo, justamente por ser uma forma artística que aparecia em edições alternativas, portanto, não oficiais, e distante dos veículos de divulgação de massa: a estética das HQ poéticas, de arte em preto e branco e grafismos tanto hachurados como de alto contraste, que se memetizaram espalhando-se nacionalmente, principalmente entre o fim da década de 1980, permeando toda a década seguinte (ANDRAUS: 2005).

OS AUTORES POÉTICOS E AS PUBLICAÇÕES

A partir de então, mais histórias em quadrinhos de tal gênero poético passaram a ser publicadas, sendo nalgumas vezes introspectivas e até surrealistas (e/ou *non-sense*), como as de Henry Jaepelt e Antônio Amaral, ou mesmo de autoconhecimento, como as de Flávio Calazans, e mais recentemente as de Elydio dos Santos Neto (Figs. 5, 6 e 7), que elaborou os Biograficzines (Fig. 8), cujo conceito foi criado para que pudesse ser usado também no ensino.



Fig. 8: Biograficzine n. 0 (Fonte do autor)

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP



Figs. 9, 10 e 11: Fanzine Tyli-Tyli que veio a se chamar Mandala, editada pela Marca de fantasia (Fonte: <http://www.marcadefantasia.com/revistas/revistas.htmltor>)

(2010) que abordou ainda a editora independente Marca de Fantasia, que sob a batuta de seu editor (e autor) Henrique Magalhães (2001), criou na década de 1990 a revista “Tyli-Tyli” (posteriormente rebatizada de “Mandala”) que trazia os autores principais já mencionados, e outros novos como Rosemário, inaugurando a primeira revista de HQ brasileira com o viés de quadrinhos poéticos e filosóficos (figs. 9, 10 e 11):

São, portanto, três as características que principalmente definem uma história em quadrinhos poético-filosófica: 1. A intencionalidade poética e filosófica; 2. Histórias curtas que exigem uma leitura diferente da convencional; 3. Inovação na linguagem quadrinhística em relação aos padrões de narrativas tradicionais nas histórias em quadrinhos. (SANTOS NETO, 2009, p.90)

Santos Neto (2002) ainda chega a explicar que este tipo de HQ pode até ser usado no ensino, pois traz inquietações similares a de teóricos como Edgar Morin, Stanislav Grof e Paulo Freire, em que os próprios autores das HQs poéticas reincidem nestas inquietações, que vão do homem inacabado (hilotrópico) ao da totalidade (holotrópico).

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

22 a 24 de agosto de 2018

Escola de Comunicações e Artes da USP

Atualmente, alguns dos autores também são acadêmicos com doutorado e até pós-doutorado, como Edgar Franco com sua revista “Artlectos Pós-humanos” (já no número 12²) que faz uma mescla de HQs com abordagem de tecnologia e filosofia do devir (pós-)humano, e que já copublicou obras poéticas como BioCyberDrama³ (fig. 13), que, embora com mais de 200 páginas (ilustradas por Mozart Couto), teve origem como um fanzine (figs. 12) e traz muito das inquietações poéticas do autor Franco, e Gazy Andraus, que produz vez ou outra HQs e fanzines poéticos, como o “Fraterimágenes”, em que convidou autores como H. Jaepelt (fig. 14) para ilustrarem suas poesias⁴, e teve o álbum Homo Eternus⁵ (vol.1), a partir de seu fanzine original de 1994 (figs. 15 e 16), publicado como álbum pela editora Criativo em 2017.



Figs. 12 e 13: Fanzine BioCyberdrama de E. Franco, que deu origem ao álbum homônimo (desenhado por Mozart Couto). Fontes: do autor.

CONSIDERAÇÕES POETIZANTES

² Pode ser encontrada no site Marca de Fantasia: <http://www.marcadefantasia.com/revistas/artlectos/artlectos11-20/artlectos12/artlectos12.html>

³ Veja em: <http://portal-archipelagus.azurewebsites.net/farol/ufg/produto/biocyberdrama-saga/39754/>

⁴ Veja mais em https://www.facebook.com/gazy.andraus/media_set?set=a.10153051378361753&type=3

⁵ Veja em: <http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/graphic-book-homo-eternus-n-1/gr113919/134782>



JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018

Escola de Comunicações e Artes da USP

As histórias em quadrinhos no Brasil foram "salvas" de um quase "ostracismo" nas décadas de 1980 e 1990, graças aos fanzines, os quais puderam publicar autores amadores e/ou profissionais, com um ousado experimentalismo, mantendo os quadrinhos nacionais em marcha, o que resultou na miríade de autoria nacional da atualidade (que deve em muito aos fanzines, fanzineiros, faneditores e seus autores das décadas passadas).

Um desses experimentos resultou no quadrinho poético (ou fantástico-filosófico), tendo como premissas, histórias curtas, influenciadas por algumas européias (como as de Moebius, Caza e Druillet) com mensagens lembrando reflexões e de estruturas similares a *hai-kais*.

Assim, vem sendo registrado até mesmo por estudos acadêmicos, que tal estilo passou (e ainda perpassa) nos quadrinhos autorais brasileiros, tanto nos fanzines quanto oficialmente.

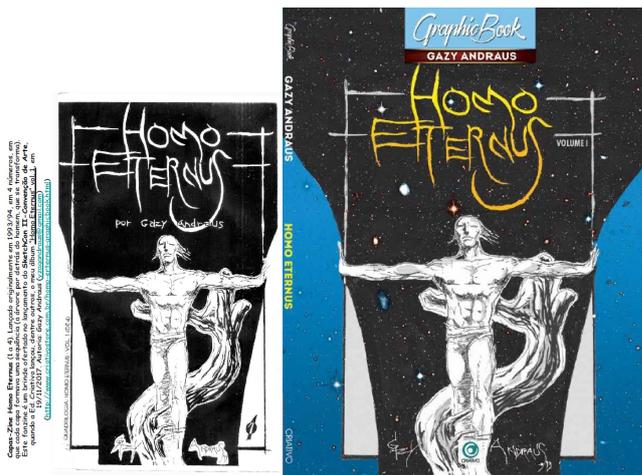
É importante ressaltar que a grande quantidade (e qualidade) de quadrinhos e autores nacionais da atualidade deve causa à insistência dos autores de quadrinhos e fanzines (amadores na época, muitos deles) que estimularam o processo criativo e qualitativo das HQbs⁶ naquele período obscuro, problemático e difícil da situação brasileira, tanto político-econômica, como editorial, em que os fanzines foram o esteio gigantesco, paralelo (paratópico), da área das histórias em quadrinhos, cuja produção atendia vários gêneros, tanto o de humor, ação, herói, terror, ficção, biográfico, como o inusitado poético (e/ou fantástico-filosófico). Isto não se deve olvidar jamais: os fanzines salvaram os quadrinhos brasileiros (e seus autores) do vácuo da existência, nas décadas passadas, em especial a década de 1990, que foram muito prolíficas ao fanzinato nacional (e mundial), alçando na atualidade ao *status* de autores renomados e de qualidade muitos que vieram daquelas décadas, como Edgar Franco, Laudo Ferreira, Marcatti, dentre outros que se mantêm, como Mozart Couto e Shimamoto, abrindo espaço para novos expoentes que devem sempre conhecer a história das HQbs e do fanzinato nacional.

⁶ Histórias em quadrinhos brasileiras.

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
 QUADRINHOS**
 22 a 24 de agosto de 2018
 Escola de Comunicações e Artes da USP



Fig. 14: Página de H. Jaepelt para poesia de Andraus. (Fonte do autor)



Figs. 15 e 16: Fanzine Homo Eternus, n. 1, que deu origem ao álbum editado pela Ed. Criativo. Fonte: do autor.

REFERÊNCIAS

ANDRAUS, Gazy. **As Histórias em Quadrinhos como Informação imagética**. 2006. 304 pgs. Tese de doutorado - Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP).

ANDRAUS, Gazy. **Existe o Quadrinho no vazio entre dois quadrinhos? (ou: o Koan nas Histórias em Quadrinhos Autorais Adultas)**. 304 pgs. Dissertação de Mestrado em Artes Visuais. UNESP. São Paulo: 1999.

ANDRAUS, Gazy. O meme nas histórias em quadrinhos. **XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** Intercom/Portcom. 05-09/set/2005. <
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/126673555292856638349626712815939251913.pdf> >
 Acesso em 15/10/2018.

ANDRAUS, Gazy. HQ fantástico-filosóficas: gênero único no Brasil! **Bigorna**. 19/10/2010. <
<https://www.bigorna.net/index.php?secao=artigos&id=1286895130>> Acesso em 15/10/2017.

ANDRAUS, Gazy. HQ fantástico-filosóficas: gênero único no Brasil! (Parte II). **Bigorna**. 19/10/2010. <
<https://www.bigorna.net/index.php?secao=artigos&id=1287494398>> Acesso em 15/10/2017.

CASTRO, Luana. Gêneros literários. **Brasil-Escola**. s/d. <
<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/generos-literarios.htm>> Acesso em 15/08/2017.

 JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

FRANCO, Edgar. Panorama dos quadrinhos subterrâneos no Brasil in **As Histórias em Quadrinhos no Brasil- teoria e prática**. São Paulo: UNESP/PROEX, 1997, 51-65.

GAZETTA, Sônia M. M.; SOBRINHO, Vanessa C. História Em Quadrinhos como Gênero Textual e o desenvolvimento da Leitura e da Escrita. **Acta Científica. Ciências Humanas**. V. 22, n. 2. 2013. p. 23-37. <<https://revistas.unasp.edu.br/acch/article/view/25/25>> Acesso em 18/09/2018.

MAGALHÃES, Henrique. Quadrinhos Poéticos: viagem obtusa aos meandros da alma. **Revista Mandala**. João Pessoa: Marca de Fantasia, n. 13, p. 19-20, 2001.

MOURA, Matheus. **Processos Criativos de Histórias em Quadrinhos Poético-filosóficas: Investigação Teórica e Produção Poética**. Dissertação de mestrado do programa de Arte e Cultura Visual. FAV-UFG. Goiânia: 2013.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. 1 reimpr. São Paulo: Contexto, 2010.

SANTOS Neto, Elydio dos. **As histórias em quadrinhos poético-filosóficas no Brasil: Origem e estudo dos principais autores numa perspectiva das interfaces educação, arte e comunicação**. Pós-doutorado no IA da UNESP-SP. São Paulo: 2010.

SANTOS Neto, Elydio dos. Histórias em quadrinhos poético-filosóficas e gestão do currículo no trabalho docente: uma aproximação possível. **Revista 9ª Arte**. São Paulo, vol. 1, n.2, p. 57-67, 2º sem. de 2012.

SANTOS NETO, Elydio dos. O que são histórias em quadrinhos poéticofilosóficas? Um olhar brasileiro. **Visualidades – Revista do programa de mestrado em Cultura Visual**. V. 7, n. 1. jan/jun. de 2009, pgs 68-99. FAV-UFG. <<https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/18120/10809>> Acesso em 15/08/2017.

TORREIRO, Henroique. **Expofanzines. Exposición Internacional de Fanzine e Prozines. IX Xornadas de Banda Deseñada de Ourense**. Ourense : Phanzynex/Casa da Xuventude/IX Xornadas de Banda Deseñada/Xunta de Galicia, 1997.

VestibulerEnem. Gêneros Textuais e Gêneros Literários. 01/03/2016. <<https://www.youtube.com/watch?v=ytgQAHRHhgY>> Acesso em 10/08/2017